

Não saio mais daqui nem mesmo morta!

I won't leave here again, not even dead!

Maria Carmencita Job [1]
http://lattes.cnpq.br/5815561636686413
https://orcid.org/0000-0002-9850-6338
mariacfelicidade@gmail.com

1 - Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Católica do Rio Grande Sul (PPGAS-PUC/RS) e doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação de Cornélia Eckert, onde investiga os fluxos e deslocamentos de famílias urbanas para áreas rurais. É pesquisadora associada aos núcleos brasileiros BIEV e Navisual (UFRGS) e Núcleo MTT de Mobilidades (USP). Esteve em doutoramento sanduíche de 2023/02 a 2024/01 no CIES-Iscte, em Lisboa, Portugal, contribuindo como pesquisadora internacional dos núcleos de Antropologia Urbana — Etno.urb e Cau. No mercado, criou o Podcast Desbravadoras (ciência e mercado) e atua como head de Pesquisas Antropológicas Aplicadas no Laboratório de Pesquisa do Comportamento [Ox] igênio — Porto Alegre/Brasil.

Resumo: Esta “etnografia visual” é fruto de uma pesquisa de campo realizada em abril de 2023 para a minha tese de doutorado, que ainda está em andamento, apresento a “memória da terra” e a “compreensão do tempo” construído pelo patrimônio vivo e referência de Nonô Joris. Uma mulher branca, citadina, jornalista de 52 anos, que morou a vida inteira na cidade de Porto Alegre e que em maio de 2021, período de pandemia da Covid-19, decide morar no interior de Nova Petrópolis, com seus três cachorros e dois gatos, restaurando seus valores em um novo estilo de vida que compreende a si mesma e sua linhagem familiar. Nonô transmite e representa através dos gestos e práticas do seu cotidiano, rememorados pelo dispositivo das fotografias e abrindo o caminho com um facão, o seu entrelaçamento entre passado e presente, o momento em que está vivendo, integralmente em conexão com sua memória original no rural

Palavras-chave: Etnografia Visual; Memória; Duração; Linhagem Familiar, Urbano-Rural

Abstract: *This “visual ethnography” is the result of field research carried out in April 2023 for my doctoral thesis, which is still in progress, I present the “memory of the earth” and the “understanding of time” constructed by living heritage and reference by Nonô Joris. A white, city-dwelling woman, 52-year-old journalist, who has lived her entire life in the city of Porto Alegre and who in May 2021, during the Covid-19 pandemic, decided to live in the interior of Nova Petrópolis, with her three dogs and two cats, restoring her values in a new lifestyle that understands herself and her family lineage. Nonô transmits and represents, through the gestures and practices of his daily life, recalled by the device of photographs and opening the way with a machete, his intertwining between past and present, the moment in which he is living, fully in connection with his original rural memory.*

Keywords*: Visual Ethnography; Memory; Duration; Family Lineage, Urban-Rural*

Este ensaio é fruto da pesquisa de campo realizada em abril de 2023 para a minha tese de doutorado, que ainda está em andamento, no qual analiso as experiências de mobilidade de indivíduos urbanos que moravam em capitais do sul do Brasil, sobretudo, a capital gaúcha, Porto Alegre, para regiões consideradas rurais após a pandemia da Covid-19.

Nesta “etnografia visual” como elabora Pink (2007) apresento a “memória da terra” e a “compreensão do tempo” ressaltado por Rocha e Eckert (2013) pela linha da Duração como memória viva do patrimônio feminino de Nonô Joris. Sendo ela, uma mulher branca, citadina, jornalista de 52 anos, que morou a vida inteira na cidade de Porto Alegre e que em maio de 2021, período de pandemia da Covid-19, decide morar no interior de Nova Petrópolis, com seus três cachorros e dois gatos, restaurando seus valores em um novo estilo de vida, que compreende a si mesma e sua linhagem familiar.

A pandemia, iniciada em 20 de março de 2020, no Brasil, virou a sua vida por completo. Sobretudo, por ter passado por inúmeras adequações e condições de fragilidade financeira e emocional, fazendo com que Nonô refletisse atentamente sobre seus valores, práticas e memórias e se descobrisse uma mulher do campo, parecida com sua avó, que era colona. Em entrevista, em um dos momentos do campo, Nonô transmite e representa através dos gestos e práticas do seu cotidiano, rememorados pelo dispositivo das fotografias e abrindo caminho com um facão, o momento em que estava. As lembranças da casa da sua vó e o modo de vida em que ela vivia até os últimos de dias era acionado por sua vida no campo.

Quando pequena, Nonô passava as férias na casa de sua vó em Arroio do Meio e foram estes momentos de alegria e liberdade que provocaram (em memória) a repensar a mudar de vida. Sua vó morava em uma casa que não tinha água encanada e nem luz e esta simplicidade pareceu uma oportunidade de restaurar a sua vida, pós o colapso da pandemia. *“A gente ia no pasto dar comida pros bichos, dormia em colchão de palha de milho que fazia barulho quando se movia”* (Nonô, abril de 2023). Pode viver de fato, esta experiência vivida (Peirano, 2006) em pleno contexto rural, fez com que ela não desejasse mais voltar a morar na cidade e continuasse estar ali, no sitio, até a sua morte.

> “A vida é muito louca, esta é a memória que tenho da minha vó, e que retomo tudo depois. Veja bem: a minha vó morava sozinha, muito parecido com que está acontecendo comigo agora. E depois nunca mais casou. Ela tinha vaca, porco, galinha. Cuidava de tudo sozinha, tinha só um empregado ajudando a cuidar de algumas coisas. Morava bem pra fora. Hoje, esta é a minha vida. Eu sinto que este é o meu caminho, hoje eu estou no meu caminho.” (Nonô, abril de 2023)

Em 2024, após 3 anos em que Nonô mora na serra gaúcha, com os bichos, além de trabalhar para cidade, no formato home office, vive intensamente o processo de cuidar das plantas e dos bichos. Também cultiva uma relação muito próxima com a comunidade local, trocando verduras excedentes com seus vizinhos e comprando de produtores locais. Além de ter tempo para ouvir as pessoas antigas (moradoras locais) e entender como todas aquelas histórias do campo, com presença, lhe fazem muito bem. Nonô construiu um lar no campo, por uma virada de chave, a pandemia, mas já havia em sua vida, este “projeto metamorfose” (Velho, 1994) transmitido e reconectado por gerações anteriores em seus objetivos, só não tinha ideia de como e de jeito começar.

Entretanto, a cidade de Porto Alegre, ainda vive em seus percursos, não se tornando um lar, mas um lugar transitório, no qual realiza reuniões presenciais, faz o seu curso de mestrado, sonho que havia desde antes da pandemia e, que conseguiu colocar em prática, em 2023, depois de rever todos os seus valores. Continua como produtora cultural independente, mas vivendo integralmente e em conexão com sua memória original no rural.

Referências

Pink, Sarah. “Introduction”. Doing Visual Ethnography. London: Sege, 2007, p.1-18.
PEIRANO, M. A teoria vivida: e outros ensaios de antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
ROCHA, L e ECKERT, C; Etnografia da duração; Porto Alegre, Marcavisual editores, 2013.
VELHO, G. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.










Boldog Karácsonyt
Felicidades
de todos os lados
do mundo
HELVETIA
1150. sz. — Törvényesen védve. 1942.








UFRGS
especialização em
práticas
curatoriais
Pina
feira